

# Listas literárias na *Iliada*: expressão de poder do exército grego e de Aquiles<sup>1</sup>

## *Literary Lists in Iliad: Expression of Greek Army and Achilles Power*

Ana Penha Gabrecht\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

80

Arnon Tragino\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

**RESUMO:** A percepção de Umberto Eco sobre a existência de listagens na *Iliada* é nossa motivação para entender a constituição de listas literárias como instrumentos de classificação que podem produzir efeitos diversos nos leitores. Tomamos como ponto de partida as ideias do autor desenvolvidas em *A vertigem das listas* (2010) e, considerando que o Catálogo das Naus, no canto II, e o escudo de Aquiles, descrito no canto XVIII, são listagens, acreditamos que elas têm o poder de provocar no leitor uma sensação de grandiosidade ao potencializar o poderio

---

<sup>1</sup> Utilizamos aqui o termo “grego”, todavia é preciso ter em mente que os povos citados na *Iliada* não se autoproclamavam “gregos”, nem mesmo “helenos”, como seria usado mais tarde. Usavam nomes como argivos, dânaos e aqueus, porém, esses termos não possuíam clara distinção. Um ponto de identidade é o fato de que todos esses que estão lutando na Guerra de Troia são heróis dividindo o mesmo quadro de referência social, moral e religioso (Cf. LEITE, 2013, p. 8).

\* Pós-doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes.

\* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes. Fapes.

militar daqueles que estão combatendo na mítica guerra de Troia. Para comprovar tal afirmação analisaremos alguns dos elementos listados nos cantos, discorreremos ainda sobre a relação entre Arqueologia e Literatura, na perspectiva de Zanon (2008), entre História e Literatura, de acordo com Revel (2010), e de que forma as listas estão envolvidas nesse meio, pelo pensamento de Eco (2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e História. Literatura e Arqueologia. Homero - *Iliada*. Lista - Tema literário.

**ABSTRACT:** The Umberto Eco's perception about the existence of listings in the *Iliad* is our motivation to understand the constitution of literary lists as classification tools that can produce different effects on readers. In this article, we take as a starting point the ideas developed in *The infinity of lists* (2010). Whereas that the Catalogue of Ships in the book II, and the shield of Achilles, described in the book XVIII are lists, we believe that they have the power to cause the reader a sense of grandiosity and thus enhance the military power of those who are fighting the mythical Trojan War. To prove this statement, we will analyze some of the elements listed in these books. We will commented further about the relationship between Archeology and Literature under the perspective of Zanon (2008), the relationship between History and Literature according to Revel (2010), and how the lists are involved in this matter, based on the thoughts of Eco (2010).

**KEYWORDS:** Literature and History. Literature and Archaeology. Homer - *Iliad*. List - Theme on Literature.

No seu leque de trabalhos sobre elementos pouco convencionais, Umberto Eco discorre em *A vertigem das listas* sobre um objeto bastante heterodoxo: as listas na História da Cultura, da Arte e da Literatura. Seguindo na esteira de *História da beleza e História da feiura*, mas antecedendo *História das terras e lugares lendários*, o autor apresenta os modos de criação e configuração de listas ao longo da História: listas de livros, de obras de arte, de coisas e de lugares, compõem o que Eco (2010, p. 7) chama de um *et cetera*, uma intuição de ordem ou organização que pode ser prática ou poética, finita ou infinita.

O ponto de partida do autor é a percepção de que já na *Iliada* de Homero existem duas listas propositalmente complexas: a longa descrição dos navios e dos exércitos gregos no Canto II e a vasta sequência de cenas feitas por Hefesto, o deus artesão, no escudo de Aquiles, no Canto XVIII. São complexas porque ambas mostram em detalhes, num espaço localizado, uma imensa ordem de elementos que causam a impressão de grandiosidade no leitor. Esse sistema,

assim, no decorrer do desenvolvimento das sociedades, foi se tornando o mais usual: a preocupação em promover listagens, classificações, elencos e catálogos sobre seres ou objetos que se aproximam por algum ponto em comum (ECO, 2010, p. 9-18).

O presente artigo busca analisar algumas especificidades da narrativa homérica a partir do pensamento de Umberto Eco: duas listas literárias que traçam um intercâmbio de infinitudes em compartimentos finitos, ou seja, a quantidade de navios dos aliados gregos e as muitas cenas colocadas no escudo de Aquiles pelo deus Hefesto. Nosso objetivo é entender em que medida esses dois elementos podem dizer algo acerca da narrativa e do contexto histórico da obra analisada, a *Ilíada* de Homero.

Umberto Eco (2010) não situa uma origem clara do ato de se indicar obras de Literatura, mas identifica uma extensa e intensa rede de conexões que compõem as listas e seus princípios de formação. O autor recupera, desde uma perspectiva mais longínqua até nossa época, alguns momentos pontuais de ocorrência de listas, tais como: a Poética de Aristóteles, que cita e analisa gêneros, obras e autores da Antiguidade grega; a Arte poética de Horácio, que descreve as formas e os trabalhos literários do mundo romano; as compilações medievais de Cancioneiros; a constituição da Bíblia Sagrada e de outros textos religiosos que foram a base para a editoração no surgimento da imprensa; o invento de Gutenberg, em 1450, que, posteriormente, devido à nova circulação e propagação dos objetos impressos, proporcionaria a efetivação da prática em sugerir obras de literatura; o *Index Librorum Prohibitorum*, a lista de livros proibidos pela Igreja, composto em 1559, no período da Inquisição; e as listas que foram sendo remodeladas nos séculos seguintes pelos veículos de comunicação, basicamente os jornais e as revistas. Para o autor, na medida em que as representações de leitura foram se constituindo, as indicações de livros, oralmente e visualmente, tornaram-se mais concretas, até chegarmos em nossa época, com uma vasta pluralidade e multiplicidade de listas: os vestibulares,

exames e concursos, as antologias, as coleções, as coletâneas, os mais vendidos da semana ou *best-sellers*, os cânones, os clássicos, os eventos e prêmios literários, os catálogos de livrarias e bibliotecas, as enciclopédias, as indicações e distribuições de instituições governamentais, os livros eletrônicos e a internet (ECO, 2010, p. 112).

Há, portanto, infindáveis listas nas mais diversas configurações que dizem muito sobre a Literatura. Isso porque, cada uma é um meio de comunicação/troca de experiências de leitura, em que as indicações são feitas para si próprio e/ou para o outro. As seleções, indicações ou escolhas das listas estão sujeitas à personalidade do autor/leitor, com sua experiência estética e seu conhecimento de literatura. Ou podem ainda ser motivadas pelas edições dos livros, a crítica especializada, a história literária e as disponibilidades de acesso que regulamentariam outros desenhos de listas. Esses objetos indicam assim um conhecimento enciclopédico do que está sendo listado, um recorte temporal de determinada história literária, ou ainda uma cronologia da história dos livros e escritos pela seleção que é feita. A materialidade (o texto impresso), meio pelo qual ocorre a propagação, motiva também o seu valor, mostrando que há listas muito distintas entre si, que possuem importâncias e usos diferentes, com mais ou menos prestígio: a lista dos mais vendidos numa livraria é diferente da lista dos mais vendidos numa banca de jornal, por mais que em ambos os espaços circulassem os mesmos materiais (ECO, 2010, p. 15-18).

Em se tratando das listas de Literatura na Antiguidade, Eco (2010, p. 133) informa (além do grande exemplo que foi a Biblioteca de Alexandria enquanto conjunto de listas) a presença de dois elementos internos em uma obra literária: a lista retórica e a lista numérica. Ambas complementares, a primeira procurava o efeito empregado na narrativa como recurso que ampliava a visão do expectador, do leitor ou do ouvinte para pontuais segmentos de uma obra, seja teatral, épica ou lírica. Eco reproduz em seu livro obras de arte como o

tríptico *O jardim das delícias terrenas* (século XVI), de Hieronymus Bosch, que lista uma profusão de elementos da criação, do paraíso terreno e do inferno, e também, além dos textos homéricos, a citação de várias outras passagens literárias de diversos autores que fizeram listas, como as criaturas divinas na *Teogonia* (século VII a. C.), de Hesíodo. A segunda, a lista numérica, é a que explicitamente indica uma quantidade exata de elementos: os doze deuses do Olimpo, dos doze trabalhos de Hércules, os *Sete contra Tebas* (peça de Ésquilo, século V a. C.) etc. O uso dessa lista, assim, dava precisão ao que se poderia esperar em termos de ações, objetos, personagens e lugares na história, por exemplo, para restringir a possibilidade de interpretação da lista retórica (ECO, 2010, p. 140-141).

Dentre os textos atribuídos a Homero, a *Iliada* figura como uma compilação dos dois tipos de listas (listas de ações, listas de cenas de batalha e de cenas rememoradas, listas de heróis, lista de deuses, etc.). O gênero em questão, a epopeia, explica parcialmente a constituição dessas listas, já que há o enaltecimento de grandes feitos heroicos que exigem uma maciça descrição de elementos narrativos para se confirmarem como tais (ECO, 2010, p. 15). Dizemos parcialmente porque, para o leitor contemporâneo, o elenco dos navios do exército grego e os detalhes do escudo de Aquiles seriam talvez recursos dispensáveis na leitura pela vasta ou “cansativa” descrição, uma vez que esse mesmo leitor presumivelmente tem algum conhecimento da grandiosidade da Guerra de Troia. Por outro lado, se retomarmos o contexto de produção da *Iliada*, sabemos que, na sua construção oral, tais efeitos no canto do aedo promoviam a expectativa do público ouvinte, ou seja, os longos capítulos das naus e do escudo reafirmavam o poder dos comandantes dos navios e o de Aquiles respectivamente (ECO, 2010, p. 26-35).

Nossa análise terá como foco os cantos II e XVIII da *Iliada*, pois, a nosso ver, possuem listas que funcionam de forma retórica e numérica. A partir do relato homérico, podemos vislumbrar uma quantidade aproximada da frota naval

grega (1.245 navios com cerca de 50 a 150 homens em cada) e cenas no escudo de Aquiles (9 no total, com elementos do universo, das cidades, dos reinos, dos campos e de pessoas). Vemos também, por meio do texto de Homero, o efeito retórico que essas duas listas causam: a potência do exército grego se iguala ao poder de Aquiles e vice-versa. Cabe dizer, porém, que na *Ilíada* são esses os dois momentos mais explícitos que indicam listas: é possível inferirmos uma longa lista de heróis e suas histórias, de deuses e suas ações, ou seja, passagens com listas “genéricas” que podem ser montadas pelo leitor, mas identificamos certa estrutura de lista nesses dois cantos especificamente pois a descrição numérica e retórica provoca o efeito que descrevemos.

Eco (2010) ainda nos auxilia quando argumenta que a enumeração dos elementos se torna inversamente proporcional ao grau de infinitude que faz parecer, isto é, nas palavras de Kelvin Falcão Klein (2011, p. 155-156), um resenhista do livro:

Ao longo de todo o livro, o elemento que mais se destaca, tanto nos textos quanto nas imagens, é a dialética que se estabelece entre o esforço de enumeração e a impossibilidade de abarcar todos os elementos. Ou seja, textos e imagens estão unidos na tarefa de dar conta de uma enumeração que se anuncia infinita, e que por isso mesmo precisa ser feita. Mais do que apreender a totalidade, a seleção de obras artísticas feita por Umberto Eco procura indicar que, quando se trata de uma lista, catálogo ou inventário, há sempre um resto, um excedente, que permanece sempre alhures (KLEIN, 2011, p. 155-156).

Em nossa leitura, acreditamos que o excedente nas listas da *Ilíada* está a favor do enredo, auxiliando ou concedendo influência no desenvolvimento da narrativa, já que a proporção numérica e de infinitude dos elementos listados estão relacionados com a construção de afirmações de personagens da epopeia.

Ao lermos o texto homérico percebemos a grandiosidade das listas referidas. A começar pelo célebre “Catalogo das naus”, nome pelo qual ficou registrado

para a posteridade a listagem dos exércitos helênicos e aliados que foram combater em Troia. Ocupando grande parte do segundo canto da *Iliada*, o Catálogo elenca, entre os versos 484-759, os diversos contingentes vindos de diferentes regiões, apresentando os nomes dos chefes, os números de naus e eventualmente de combatentes. O próprio poeta destaca a grandiosidade da lista de naus:

Ó Musas, me dizei, moradoras do Olimpo,  
divinas, todo-presentes, todo-sapientes  
(nós, nada mais sabendo só a fama ouvimos),  
quais eram, hegemônicos, guiando os Dânaos,  
os príncipes e os chefes. O total de nomes  
da multidão, nem tendo dez bocas, dez línguas,  
voz inquebrável, peito brônzeo, eu saberia  
dizer, se as Musas, filhas de Zeus porta-escudo,  
olímpicas, não derem à memória ajuda,  
renomeando-me os nomes (HOMERO, *Iliada*, II, 484-493).

Após o clamor para que a Musa lhe auxilie a relembrar o nome de todos aqueles que foram à Troia, segue-se uma sequência de versos com a listagem do nome e procedência dos aliados<sup>2</sup>. Assim como observa Leite (2013, p. 6), o Catálogo pode ser um instrumento privilegiado de análise de uma “geografia homérica”. Mesmo que nem todos os locais descritos nas epopeias tenham sido de fato encontrados, é preciso considerar que o espaço não apresenta apenas uma dimensão física, mas possui várias significações simbólicas, que lhes são conferidas pelas ações dos indivíduos que se movimentam nesse espaço e que o ordenam, o recriam e lhe atribuem significados variáveis ao longo do tempo, criando assim uma dimensão afetiva e atribuições por vezes contraditórias. Da mesma forma, graças aos atores sociais, também se atribui ao espaço o caráter de profano, público, privado, banal, permitido ou proibido (RAPOPORT, 1990,

---

<sup>2</sup> As Musas, filhas de Zeus com Mnemosine, são as divindades evocadas pelos aedos para auxiliá-los no seu canto. No mundo homérico, são elas que conferem legitimidade ao canto épico, oferecendo referenciais divinos para corroborar a atuação dos mortais (MORAES, 2008, p. 110).

p. 57-58). No caso específico do “Catálogo das naus”, percebemos que os muitos versos compostos para mostrar a grandiosidade da frota que se encaminha à Troia, faz com que os espaços (cidades descritas) ganhem uma dimensão política, demonstrando assim a força do exército aqueu que vai combater na guerra.

Huxley (1966, p. 315-17), em clássico estudo sobre os números de navios expostos no Catálogo, reforça a tese bastante discutida entre homeristas de que os contingentes seriam “exagerados”, um recurso retórico para enfatizar a imponência da frota grega. Agamêmnon, rei de Micenas e comandante da expedição grega, envia o maior contingente a Troia: cem navios, assim como atesta Homero:

[...] seguiam,  
todos eles, o Atreide, Agamêmnon, o rei  
poderoso, navarca à testa de cem naus,  
e dos melhores, mais numerosos guerreiros.  
Ele, brônzeo-brilhante, se gloriava em meio  
aos heróis, em valor e tropas superior (HOMERO, *Ilíada*, II, 576-580).

A lista de navios que partiram para Troia enfatiza o nome dos grandes reis gregos liderando as frotas. Agamêmnon, o líder supremo, leva a maior quantidade de naus; Menelau, seu irmão e rei de Esparta, envia sessenta; Diomedes, líder dos argivos, oitenta; Nestor, o ancião rei de Pilos, noventa; Idomeneu, comandante geral dos homens de Creta, oitenta. A listagem evidencia, dessa forma, as grandes figuras de poder do poema. Marks (2012, p.100) corrobora nosso argumento ao afirmar que o Catálogo das Naus tem sim uma “função geográfica” mas esta seria secundária, pois, segundo o autor, o principal propósito da listagem das naus parece ser a associação entre os heróis e a demonstração de seu *status* de poder.

Nesse pensamento, acreditamos que o escudo de Aquiles também é um artefato que expressa poder. No canto XVIII Aquiles descobre que seu Pátroclo fora morto por Heitor, herói troiano. Além de perder o amigo, Aquiles perdera também sua armadura que havia sido tomada de empréstimo por Pátroclo para se lançar ao combate. Sem as armas, não há como empreender a vingança. Para ajudar o filho, a deusa Tétis vai até o Olimpo solicitar ao deus artesão, Hefesto, que faça uma panóplia para o guerreiro grego. A descrição do novo escudo ocupa grande parte do canto: 126 versos de vívidas e detalhadas cenas que permitem afirmar ser este o primeiro exemplo de écfrase da literatura ocidental (FRANCIS, 2009, p.1)<sup>3</sup>.

Homero inicia a descrição pelo centro do escudo:

Representou [Hefesto] a terra, o céu, o mar talássio,  
o infatigável sol, o plenilúnio, o pan-  
constelário, que ao céu, estefânio, diadema.  
As plêiades, mais as Híades, a Ursa, também Carro,  
que num só ponto gira, espiando Órion: a Ursa, única  
que nas águas do mar não se banha (HOMERO, *Iliada*, XVIII, 483-489).

Vemos acima entidades cósmicas listadas: a terra, o céu, o mar, o sol, a lua cheia e quatro constelações. A borda do escudo é toda contornada pelo Oceano e entre ela e o centro estão representadas atividades humanas. Duas cidades estão entalhadas no artefato: a “cidade da paz” mostra uma alegre procissão matrimonial (v. 490-6) e uma ação judicial sendo debatida na ágora (v. 496-509); “a cidade da guerra” é representada em estado de sítio, dois exércitos a cercam e o contra-ataque é preparado (v. 509-40). Nos versos seguintes, atividades rotineiras são listadas: homens arando a terra, ceifando, trabalhando

---

<sup>3</sup> Conforme Medina (2010), a écfrase é a descrição literária ou pictórica de um objeto real ou imaginário. Tem sido delimitada à descrição de objetos de arte que teriam detalhes visuais significativos. Francis (2009, p. 2) chama a atenção para o fato de que na Antiguidade a écfrase é parte constituinte das composições orais tais como a *Iliada* e a *Odisseia*.

na colheita de uvas, mulheres preparando a refeição para os ceifadores. Mais à frente Homero descreve imagens de rebanhos de bois e ovelhas sendo pastoreados, há ainda cenas de jovens em uma dança de roda enquanto um aedo canta acompanhado de uma lira. Allen (2007, p. 34-35) chama a atenção para o fato de as cenas do escudo poderem ser organizadas em uma certa compartimentação que segue uma ordem, um padrão, assim como podemos observar na figura abaixo:

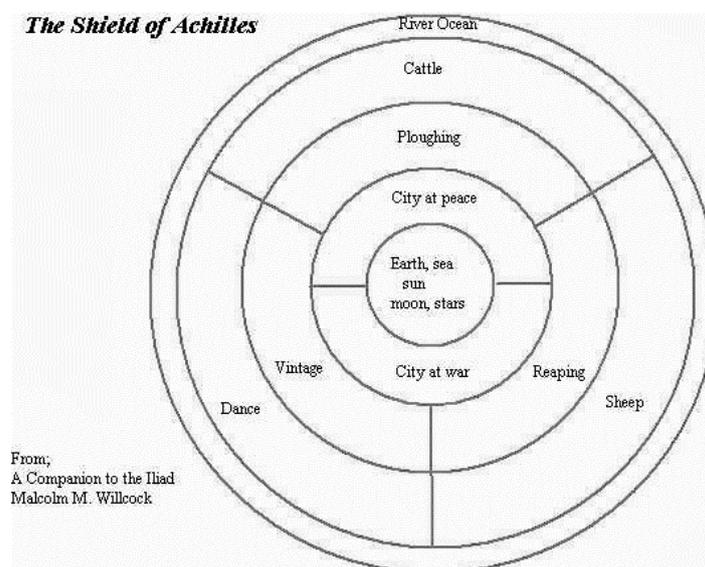


Figura 1. Representação das cenas listadas no escudo de Aquiles (WILLCOCK, 1976, p. 281).

Considerando esse aspecto e entendendo que tais excessos de listas agenciam a representação de dois poderes (do exército grego e de Aquiles), chegamos à questão histórica: houve de fato uma guerra de Troia, em tais proporções, com centenas de naus e a produção de um escudo tão detalhado? De acordo com Zanon (2008, p. 160-161), a forma da epopeia como a conhecemos hoje é uma mescla de acontecimentos entre os séculos XII-VIII a. C. que se transportaram da tradição oral para a escrita com o aparecimento do alfabeto na Grécia Arcaica. Leite propõe a seguinte datação para o texto homérico:

(1) há uma primeira fase em que estes ainda não haviam sido grafados, mas eram compostos e transmitidos por intermédio de uma série de (re)composições orais dos mesmos em *performance*. Esta fase compreende um estágio de alta fluidez (XII-VIII a. C. (primeira metade)), seguido do momento de uma primeira estabilização (VIII a. C. (segunda metade) - VI a.C. (primeira metade)); (2) segue-se um momento em que os poemas começam a ser objeto de uma normalização no que concerne a sua recitação (VI (segunda metade) - IV a.C. (primeira metade). Os poemas começam a ser fixados por escrito. Os papiros de que dispomos, no entanto, remontam ao século III a. C.; (3) num terceiro momento, em que aparentemente já existem vários registros escritos dos poemas, tem início os trabalhos de edição levados a cabo pelos gramáticos da Biblioteca de Alexandria (IV (segunda metade) - II a.C.); seguem-se as edições dos manuscritos medievais (LEITE, 2013, p. 13).

O consenso geral entre os pesquisadores atuais é que os poemas homéricos são exemplo de poesia oral e foram compostos - essencialmente na forma como conhecemos hoje - na segunda metade do século VIII a. C., a *Odisseia* sendo um pouco posterior à *Ilíada*. A versão canônica teria se cristalizado por volta de 700 e 550 a. C. Em *O mundo de Ulisses*, publicado pela primeira vez em 1963, Moses Finley trabalha com a ideia de que o mundo descrito por Homero situa-se entre os séculos X e IX a. C., baseando-se em uma análise global dos poemas. Ian Morris (1986, p. 91) critica algumas formulações generalizantes de Finley e alega que as instituições e estruturas da sociedade homérica derivam da época em que assumiram sua forma final e adquiriram a forma escrita. A época desse “congelamento” (ou cristalização) teria sido por volta de 750 a. C. A partir de análises de dados etnográficos - como outras formas de canto épico e poesia oral na atualidade -, o autor afirma que a poesia oral é passível de constantes mudanças, então, desse modo, o mundo heroico de Homero seria constantemente “atualizado” para fazer sentido à sua audiência. No artigo “Reading the Texts: Archaeology and the Homeric Question” (1990), Sherratt realiza uma “estratigrafia” do texto homérico. O autor observa que a cultura material dos épicos mostra uma justaposição e uma superimposição de variadas cronologias. Essa estratigrafia revelou três períodos que contribuíram amplamente para a formação dos épicos, pois foram épocas de mudanças sócio-

políticas nas quais grupos sociais competiram entre si utilizando os poemas para autodefinição. São eles: os séculos XVI-XIV a. C. (fase de formação da sociedade palaciana), XII-VIII a. C. (período após o colapso dos palácios micênicos), VIII a. C. (estabelecimento da *polis* grega).

A descoberta da Civilização Micênica contribuiu de forma significativa para a busca de uma “verdade histórica” em Homero<sup>4</sup>. É famosa a história de Heinrich Schliemann, um mercador alemão apaixonado pela poesia homérica, que, decidido a encontrar os locais descritos nas epopeias, empreendeu uma série de expedições em busca dos locais citados na *Ilíada* e na *Odisseia*. Suas escavações, realizadas ao final do século XIX, provocaram danos irreparáveis em muitos dos sítios arqueológicos contra os quais investiu, no entanto, as escavações que fez em Micenas - à procura do palácio do rei Agamêmnon - e em Hissarlik, na Turquia - onde descobriu a cidade de Troia -, revelaram novos e fascinantes objetos de estudo para a melhor compreensão do passado grego (CHADWICK, 1996, p. 178).

De acordo com Zanon (2008, p. 25), a busca de Schliemann por “provar” a veracidade de Homero, o levou a identificar e nomear os objetos encontrados em escavações, que ele próprio realizou, com cenas da narrativa homérica. Em seus diários de viagem, o alemão atesta ter encontrado o palácio de Odisseu, a cidade de Agamêmnon e a fortaleza troiana na planície turca. Sabendo que na *Ilíada* as batalhas entre gregos e troianos aconteciam várias vezes ao dia e que, por isso, deveria haver pouca distância a ser percorrida entre os muros de Troia e os navios gregos, Schliemann encontra uma colina com ruínas de uma fortificação cuja distância com o mar correspondia à descrição de Homero. Schliemann encontra também o que chamou de “tesouro de Príamo”: “8.700

---

<sup>4</sup> Na região continental da Península Balcânica, desenvolveu-se um sistema similar sócio-político bem peculiar a partir de 1600 a. C., durante o período chamado pelos arqueólogos de *Heládico tardio*. Nesse momento, algumas regiões no continente grego - entre elas destacam-se Micenas, Pilos, Tebas e Tirinto - organizaram uma forma de sociedade bastante homogênea e com um excepcional desenvolvimento material e artístico (MEE, 2011, p. 17).

peças em ouro, dentre as quais vasos, cálices e objetos de adorno”. Mas o que mais recebeu atenção do escavador foram os achados de várias peças específicas presentes no texto homérico (algumas dadas por Agamêmnon a Aquiles, outras como prêmios dos jogos fúnebres a Pátroclo, outras como resgate de Heitor e outras ainda como presentes entre deuses e guerreiros): um objeto oval de bronze, um escudo, um caldeirão e uma molheira (ZANON, 2008, p. 25-29). Na última escavação em Troia, Schliemann divide o sítio em vários extratos e considera que em dois deles há correlação com a cidade homérica (KORFMANN, 1998, p. 369).

O trabalho de Schliemann permitiu a ampliação do conhecimento acerca do passado mais remoto da Grécia e até mesmo sobre a Guerra de Tróia, narrada na *Iliada*, já que muitos dos artefatos encontrados possuíam equivalência com a obra homérica. Todavia, não nos restam evidências de uma imensa frota naval ou de um escudo minuciosamente construído tal como descritos na epopeia, o que temos são registros de uma relação com gregos na região do sítio de Troia, relação esta que deixou soterrados artefatos que possuem equivalentes observados na *Iliada* (ZANON, 2008, p. 159). Não se trata, por isso, de a narrativa homérica se tornar invalidada com a ausência de outros achados, sendo que já está superada a necessidade de alguma confirmação da História pela Literatura. Porém, é pertinente destacar a estreita aproximação dos artefatos encontrados e sua presença no texto homérico: há, portanto, a existência de listas de objetos que se confirmam como História e como Literatura; mais especificamente no que queremos entender no artigo: não podemos afirmar se o poder da frota grega e o de Aquiles foram tão grandiosos na História como na Literatura, mas sabemos que muitos tesouros com semelhantes afirmações de poder foram encontrados.

O acesso à cultura material possível a partir das descobertas arqueológicas - não só as de Schliemann, mas de muitos outros pesquisadores ao longo do último século - permitiram aos estudiosos de Homero perceber que a poesia do aedo

congrega na narrativa poética aspectos de civilizações cronologicamente diferentes, de lembranças de um mundo micênico desaparecido até a sociedade do século VIII a. C., elementos que ele sincretiza em um universo poético original (ÉTIENNE; MÜLLER; PROST, 2000, p. 50).

Todavia, assim como alerta Dougherty (2001, p. 9), as epopeias homéricas são textos literários e, como tais, possuem regras e convenções que precisam ser levados em conta pelo poeta na construção do enredo. Assim, estão repletos de sistemas de significação tais como mitos, metáforas, alusões, entre outros. Cientes disso, quando falamos da dimensão histórica das listas da *Iliada* não buscamos a certeza da existência de várias naus e de um grande escudo, mas tentamos esclarecer como os registros históricos ajudam a compreender uma guerra entre gregos e troianos conhecida há milênios por meio do texto homérico. Essas reflexões nos levam à vantajosa relação entre a História e Literatura, aproximação que tem prosperado de forma considerável nas últimas décadas. De acordo com Camilotti e Naxara (2009, p. 26) a História, colocando uma lupa na Literatura, expande suas dimensões para alcançar matérias mais sensíveis e camadas de interpretação mais internas, quando a explicação historiográfica chega a algum esgotamento.

De acordo com Burke (1992, p. 337), cada vez mais os historiadores estão percebendo que seu trabalho não reproduz “o que realmente aconteceu”, mas sim representa um ponto de vista determinado. Diante dessa tomada de consciência, é preciso renovar as formas de comunicar os resultados das pesquisas dos historiadores ao público leitor, tornando claro - por intermédio da narrativa - que aquilo que está sendo comunicado é uma interpretação particular, havendo outras igualmente possíveis. Concordamos com Gruner (2008, p. 10) quando afirma que são imensas as possibilidades que se abrem ao historiador pela leitura atenta da Literatura, uma vez que o passado chega até nós como discurso e representação. As assim denominadas “fontes históricas”

são documentos que o pesquisador utiliza em seu trabalho, mas elas próprias são visões de um grupo ou indivíduo em particular.

A partir dessas discussões, percebemos que há o alargamento de fronteiras entre campos de pesquisa, especificamente entre a História e a Literatura, que complementam noções, paradigmas e problemas do passado. As listas da *Ilíada* exemplificam notadamente tal processo de aproximação, visto que a leitura das descrições de alguns objetos da narrativa se confirmou no tempo, em certa medida, pela pesquisa histórico-arqueológica. Tanto pela dimensão histórica quanto literária, as lacunas deixadas por Homero sobre a Guerra de Troia estão sendo preenchidas, e o foco que damos às listas e aos artefatos encontrados indica no trabalho que, aos poucos, por meio de elementos micros no universo homérico, atingimos talvez um contexto explicativo mais atenuante.

Concordamos com Revel (2010), quando argumenta que a seleção de um pequeno segmento para análise, uma micro-história, pode trazer à tona problemas antes não pertinentes: se o leitor de hoje dispensaria ler listas em Homero, então significativamente essas listas se inscrevem em esferas micro que não recebem atenção devida, mas que trazem a inscrição do universo macro em suas especificidades. Revel (2010, p. 437), ao analisar os trabalhos de história demográfica que escolhiam pequenas regiões para realizar suas investigações (uma cidade, uma aldeia, uma província etc.), afirma que o problema principal não era a escala de observação, mas “a representatividade que podia ser reconhecida a cada amostragem em particular com relação ao conjunto do qual se destinava a fazer parte”. Por isso, ao pensar nas listas, não se trata aqui de promover uma “imitação” da História Serial-Quantitativa, mas sim enxergar detalhes da narrativa homérica não muito explícitos que recuperam grandes representações de poder, no caso, os muitos navios gregos e o potente escudo feito para Aquiles.

Finalizando nossa argumentação, retomamos Eco (2010) para entender a necessidade humana de organizar listas: é instigante reparar num conjunto de objetos, aproximados por algo em comum, que refletem um aspecto pessoal, social, político e bélico. Nos casos específicos das longas listagens nos Cantos II e XVIII da *Ilíada*, os conjuntos participam, a seus modos, da constituição da narrativa literária e histórica, ora materializando para o leitor o impacto de uma força de guerra, ora deixando artefatos para serem recuperados nas escavações após séculos de difusão mitológica. Pelo entendimento de Gabriela Munhoz Lacerda (2014), que usou Eco (2010) em seu trabalho de conclusão de curso *A poética das listas em Leopoldo Scherner*, a busca por uma estável organização é o que motiva a produção de listas:

No intuito de buscar essa organização, a cultura prefere formas estáveis, aquela que se tem certeza de sua própria identidade, porém, quando confrontado com uma série confusa de fenômenos mal definidos, ela começa a fazer listas. A poética de listas corre ao longo da história da arte e da literatura com base na ideia de enumeração como recurso recorrente do registro verbal e visual, por ser hábito próprio da mente humana e ferramenta de compreensão (LACERDA, 2014, p. 23-25).

Enfim, as listas da *Ilíada* acima analisadas são, a nosso ver, exemplos do quão poético pode ser a afirmação de um poder estrutural, elencados em dois momentos da obra, com a finalidade de demonstrar a grandiosidade do poder empreendido em uma guerra antiga e famosa na Literatura ocidental.

### Referências:

ALLEN, N. J. The Shield of Achilles and Indo-European Tradition. *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios Griegos e Indoeuropeos*, Madrid, n. 17, p. 33-44, 2007.

- BARROS, J. da C. A. A escola dos Annales: considerações sobre a história do movimento. *Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-29, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/953/588>. Acesso: 30 ago. 2016.
- BURKE, P. A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 327-348.
- CAMILOTTI, V; NAXARA, M. R. C. História e literatura: fontes literárias na produção histórica recente no Brasil. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15670/10411>. Acesso: 30 ago. 2016.
- CHADWICK, J. A linear B. In: HOOKER, C. B. F. *Lendo o passado: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 175-243.
- ECO, U. *A vertigem das listas*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ETIENNE, R.; MULLER, C.; PROST, F. *Archéologie historique de la Grèce antique*. Paris: Ellipses, 2000.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003. 2 v.
- HUXLEY, G. Numbers in the Homeric Catalogue of Ships. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, Durham, n. 7, p. 313-318, 1966.
- FINLEY, M. I. *Grécia primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FINLEY, M. I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1988.
- GRUNER, C. Introdução. In: \_\_\_\_\_; DeNIPOTI, C. (Org.). *Nas tramas da ficção: História, Literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê, 2008. p. 9-17.
- KORFMANN, M. Troia, an Ancient Anatolian Palatial and Trading Center: Archaeological Evidence for the Period of Troia VI/VII. *The Classical World (The World of Troy)*, Baltimore, v. 91, n. 5, p. 369-385, May-Jun., 1998.
- KLEIN, K. F. Umberto Eco e a vertigem das listas. *Ipotesi - Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 - Especial, p. 155-157, jul./dez., 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/18-Umberto-Eco.pdf>. Acesso: 30 ago. 2016.
- LACERDA, G. M. *A poética das listas em Leopoldo Scherner*. 2014. 52 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) - Licenciatura em Letras Português/Inglês, Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Departamento de Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3103/1/CT\\_COLET\\_2014\\_1\\_13.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3103/1/CT_COLET_2014_1_13.pdf). Acesso: 30 ago. 2016.

LEITE, L. B. R. Usos do passado ontem e hoje: as memórias do “Catálogo das Naus” da *Iliada* e os processos de construção de identidades helênicas. In: ANAIS eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal: [s. Ed.], 2013. p. 1-13.

MARKS, J. A Programmatic Function of the Iliadic Catalogue of Ships. In: MONTANARI, F.; RENGAKOS, A.; TSAGALIS, C. C. (Ed.). *Homeric Contexts: Neanalysis and the Interpretation of Oral Poetry*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012. p. 91-102.

MEDINA, S. P. Ecphrasis ou ekphrasis. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso: 30 ago. 2016.

MEE, C. *Greek Archaeology: a Thematic Approach*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.

MORAES, A. S. Seria o canto dos aedos um trabalho? In: LESSA, F. S. (Org.). *Poder e trabalho: experiências em História Comparada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 105-119.

MORRIS, I. The use and abuse of Homer. *Classical Antiquity*, n. 5, p. 81-138, 1986.

RAPOPORT, A. *The Meaning of the Built Environment: a Nonverbal Communication Approach*. Tucson: The University of Arizona, 1990.

REVEL, J. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. Tradução de Anne-Marie Milon de Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 434-444, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

SHERRATT, E. S. Reading the Texts: Archaeology and the Homeric Question. *Antiquity*, n. 64, p. 807-24, 1990.

WILLCOCK, M. M. *A Companion to the Iliad*. Chicago: University of Chicago, 1976.

ZANON, C. A. *A Ilíada de Homero e a arqueologia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-26032012-111612/pt-br.php>. Acesso: 30 ago. 2016.

Recebido em: 11 de setembro de 2016.  
Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.